

## Leitura, produção de sentidos e ensino

Ana Cláudia de Souza<sup>1</sup>

Ler [...] é nutrir-se, respirar. É também voar. Ensinar a leitura é ao mesmo tempo formar a criança para uma técnica de vôo, revelar-lhe este prazer e permitir-lhe que o mantenha. Se não gostassem de voar, os pássaros deixariam cair suas asas e praticariam a corrida a pé. Mas, nos pássaros e nos homens, o prazer dos atos naturais está nos genes. Em compensação, *o prazer da leitura é criação nossa. Esse prazer, portanto, é de nossa responsabilidade, tanto quanto a própria leitura.* (MORAIS, 1996, p. 293-4, grifo nosso).

### 1. Introdução

Foi com imenso prazer que retornei à Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e especialmente ao Curso de Letras para proferir a conferência de abertura do II Seminário de Leitura e Produção de Textos (II SELEP). Ao ser convidada pelo Coordenador do Curso, Professor Richarles Souza de Carvalho, para tratar especificamente de leitura, questionei-me acerca de qual seria o aspecto mais relevante sobre leitura a respeito do qual eu poderia falar, a partir do ponto de observação que minha formação e experiência permitiam, a um público cativo e de cuja formação discussão desta natureza é parte integrante. Ao mesmo tempo em que há muito a ser dito, pesquisado e discutido, o discurso pode, por vezes, assumir caráter circular e repetitivo no que concerne à problemática da leitura, sem que efetivamente questões específicas a ela sejam abordadas. Aproveitando os ensinamentos do Professor Eurico Back, busquei me aproximar daqueles cujas atividades profissionais implicam, além do desenvolvimento da própria leitura, o metaconhecimento — que ele costumava chamar de mecânica — de como este amplo e complexo processo funciona.

Evidentemente, sem me furtar de oferecer as bases para a compreensão dos processos, meu propósito foi o de instigar reflexão acerca de quem somos como leitores e quais as nossas condições para efetivamente implementar programas de ensino que visem à aprendizagem desta tão fundamental competência, cujo desenvolvimento está diretamente atrelado à qualidade de vida dos grupos sociais dos quais a escrita faz parte. Assim, no breve período em que permanecemos juntos, propus-me tratar de questões

---

<sup>1</sup>Pós-doutora em Psicolinguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2006. Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC desde 2007. Professora do Curso de Letras da UNESC entre 1998 e 2006. Contato: anacs3@gmail.com.

relativas à aprendizagem da leitura e à formação de leitores e formadores de outros leitores nos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia. Foi a este público que me dirigi especialmente. E é a este público que devoto grande parte daquilo que venho construindo academicamente.

O lugar de onde falo e o enquadramento que me permito fazer nesta conferência focalizam a leitura a partir de seus processos iniciais de aprendizagem e também de seu desenvolvimento no que concerne ao complexo processamento necessário que esta competência requer, quando somos participantes de um evento de leitura. Discuto a leitura como um processo individual e autônomo, ainda que se deva considerar, sem dúvida, que a constituição de sujeitos leitores e a efetivação de eventos de leitura não ocorrem senão em âmbito histórico e social. Se focalizo o aspecto de processamento, é tão somente por se fazer necessária a consideração em pesquisa na área de questões que envolvem ora o social, ora o linguístico e ora o cognitivo. Meu espaço de pesquisa e de formação me possibilita trazer à tona alguns aspectos concernentes à variável cognitiva necessariamente implicada na leitura. Esse é o enquadramento assumido aqui.

## 2. A formação de leitores e os índices de leitura

É de amplo conhecimento o quanto temos falhado nos processos de ensino daquilo que compete à escola como instância privilegiada: ensinar a ler e a escrever, de modo a propiciar aos indivíduos a efetiva participação no universo letrado. Segundo relatório do Ministério da Educação (BRASIL, 2001, p.88),

das mil coisas e conteúdos que a escola faz ou tenta fazer, [...] ela se esquece da mais essencial: dar ao aluno o domínio da linguagem. Se fosse necessário gerar um *slogan* para todas as escolas de todos os níveis, esse seria: ‘Só há uma prioridade na escola brasileira: ensinar a ler e entender o que está escrito’.

Dados do Indicador de Alfabetismo Funcional<sup>2</sup> (INAF, 2009) evidenciam que, por mais que se vislumbre melhora no sistema educacional — pelo menos no que concerne à presença e permanência na escola —, apenas pequena parte da população brasileira, 27%, pode ser considerada plenamente alfabetizada, o que equivale a dizer que grande

---

<sup>2</sup> O INAF, pesquisado anualmente desde 2001, mensura os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira com idade entre 15 e 64 anos de idade, residente nas regiões urbanas e rurais de todo o país, independentemente do vínculo com a escola, considerando as competências em leitura/escrita e matemática.

parcela dos brasileiros, assustadores 73%<sup>3</sup>, não desenvolveu habilidades suficientes de decodificação, compreensão, interpretação, retenção, reflexão e uso de textos escritos para alcançar os objetivos, desenvolver o conhecimento e participar, de modo pleno, da vida em sociedade.

Em grandes linhas, observa-se, com considerável frequência, uma espécie de mascaramento de diversas atividades propostas na escola sob o rótulo de leitura: lê-se para responder questionários — as conhecidas atividades de “interpretação de textos”—, lê-se para identificar elementos que constituem a língua em uma espécie de análise gramatical, lê-se para avaliação/prova, lê-se para discutir em sala, para produzir um texto... Mas, de fato, pouco se trabalha sobre as especificidades, objetivos, procedimentos e abordagens de cada uma das atividades de leitura em particular.

Entendida como um pressuposto para os processos escolarizados de aprendizagem, a leitura, em si, não vem recebendo a atenção que lhe é devida; não recai sobre ela o foco das atividades propostas e desenvolvidas em sala de aula. É fundamental que se aprenda a ler. Por ser uma competência vinculada a um bem tecnológico e cultural — a escrita —, a leitura não se adquire ou desenvolve espontaneamente em contexto de uso. Não é suficiente que se deixem os indivíduos à sua sorte diante de materialidades textuais escritas e tampouco é suficiente, ainda que seja necessária e fundamental, a interação destes indivíduos com textos, sem que se trabalhem os aspectos centrais que caracterizam o sistema de notação escrita.

Quando se fala em escola e na relação ensino e aprendizagem, muitos fatores — e também atores — devem ser levados em conta. Afinal, se lemos mal, não é por carência cognitiva. Se lemos mal, muito se deve ao sistema de ensino, às políticas públicas voltadas à educação e à valorização do ensino básico; evidentemente, muito se deve também à formação de formadores cujas competências em leitura parecem não ser distintas das competências indicadas nas avaliações nacionais gerais.

---

<sup>3</sup> Os 73% restantes referem-se aos indivíduos analfabetos (7%), com nível rudimentar de alfabetismo (20%) e com nível básico de alfabetismo (46%). No que diz respeito à leitura do verbo, o analfabetismo se caracteriza quando não é possível a realização de tarefas simples que envolvam a leitura de palavras e frases. O alfabetismo rudimentar corresponde à capacidade de localização de informações explícitas em textos familiares e curtos, sem que o texto incite reflexão e produção de sentido. O alfabetismo básico, por sua vez, caracteriza, em termos elementares, a alfabetização funcional, visto que os indivíduos compreendem textos de média extensão, localizam informações realizando inferências simples; todavia, tais indivíduos demonstram restrições à efetiva produção de sentidos quando as operações implicam maior número de elementos, fases ou relações. Por fim, o alfabetismo pleno é alcançado por aqueles cujas habilidades não impõem restrições ao alcance dos objetivos a partir do escrito. Isso não significa que indivíduos plenamente alfabetizados sempre têm sucesso no empreendimento de tarefas de leitura. Significa tão somente que podem avaliar o próprio processo, de sorte a tomar as medidas adequadas com vistas ao alcance dos objetivos.

Tomemos para análise, neste momento, apenas uma das variáveis apontadas: a formação de docentes nos cursos de Pedagogia e Letras. Examinando os currículos destes cursos na UNESC e na (UFSC)<sup>4</sup>, tem-se o seguinte quadro no que diz respeito à oferta de disciplinas que necessariamente se voltam à formação de profissionais licenciados para o trabalho docente, que envolve a exploração da linguagem verbal escrita focalizando seu processo de recepção: a leitura.

### Curso de Pedagogia UNESC

Disciplina	Ementa
Produção e Interpretação de Textos (PIT) (72h/a)	Leitura e produção de textos. Gêneros textuais da esfera acadêmica. Fatores linguísticos e extra-linguísticos.
Literatura Infanto-Juvenil (72h/a)	Literatura infanto-juvenil na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Literatura infanto-juvenil no Brasil. Contos, poesia, lendas e fábulas. O processo de produção literária. Currículo e planejamento da literatura infanto-juvenil.
Processos Pedagógicos da Alfabetização e do Letramento (72h/a)	As diferentes concepções da língua escrita e suas implicações para a prática pedagógica. Alfabetização e letramento: conceitos, competências e implicações pedagógicas. Alfabetização enquanto construção cognitiva. Conteúdos de alfabetização. Planejamento de alfabetização.
Processos Pedagógicos da Língua Portuguesa (72h/a)	Concepções de leitura e escrita e suas condições de produção. Currículo e planejamento do ensino de língua portuguesa.
Optativa: Linguística Aplicada à Alfabetização (72h/a)	Aspectos psicolinguísticos, sociolinguísticos e textuais da fala e da escrita em processo de alfabetização. Implicações das variações linguísticas e da linguística textual no processo de alfabetização. Análise linguística de texto de escrita inicial.

Tabela 1: Currículo de Pedagogia – UNESC, implantado em 2009<sup>5</sup>.

### Curso de Pedagogia UFSC

Disciplina	Ementa
------------	--------

<sup>4</sup> Análise aqui apresentada apenas breve e parcialmente, dada a limitação de espaço.

<sup>5</sup>Matriz curricular 9.3, disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/58/2963/>>. São disponibilizadas *online* apenas as disciplinas ofertadas. O acesso às ementas e aos programas das disciplinas é restrito, devendo ser solicitado diretamente ao departamento de ensino.

Linguagem Escrita e Criança (54 h/a)	Aquisição da linguagem. A criança na sociedade letrada. Concepções, representações e hipóteses de escrita formuladas pela criança. Relações entre escrita, oralidade, linguagens verbal e não verbal. Processos não planejados e não sistematizados de aquisição/aprendizagem da escrita. Da leitura/escritura icônica à leitura/escritura arbitrária e convencional. Introdução a letramento e alfabetização.
Alfabetização (54 h/a)	Alfabetização e letramento no plano teórico, político e pedagógico (inter)nacional. Fundamentos teórico-metodológicos do processo de alfabetização. O sistema de escrita alfabético/ortográfico. O conhecimento da linguagem verbal oral na aprendizagem da linguagem verbal escrita. A realidade linguística da criança e os processos de sistematização dos usos da escrita. Processos de construção de sentido a partir da linguagem escrita. Prática como Componente Curricular: exercícios de planejamento de ensino para os anos iniciais.
Literatura e Infância (54 h/a)	O estabelecimento da categoria de pensamento "in-fans" na literatura moderna. A oposição entre racionalismo/irracionalismo e a passagem da fantasia ao plano da irrealidade. A separação entre necessidade/desejo e o conceito de inconsciente. O surgimento do "Eu". A rejeição do conceito de experiência por parte da literatura como modo de sobrepor-se ao projeto racionalista moderno. A relação entre mito e literatura. A poesia e o sublime. Leituras literárias: estratégias para formar uma coleção em aberto. O trabalho com textos na dinâmica escolar. Prática de Ensino como Componente Curricular.
Língua Portuguesa e Ensino (54 h/a)	A comunicação humana. O universo da oralidade e sua prática em ambientes escolares. Apropriação, desenvolvimento e produção da língua escrita nos anos iniciais. Práticas cotidianas de leitura e a formação de leitores. A interpretação de textos e a produção de sentidos. O trabalho docente em relação à diferença e à diversidade. Aspectos de variação e mudança linguística. Relações entre conhecimento linguístico e conhecimento gramatical. Relações da leitura e da escrita com outras linguagens e com as novas tecnologias. Língua e processos criativos: a expressão artística na infância. Prática como Componente Curricular.
Optativa: Sistema Alfabético da Língua Portuguesa e Alfabetização (54 h/a)	Princípios do sistema alfabético da língua portuguesa do Brasil: leitura (codificação) e escrita (descodificação). Novo acordo ortográfico da língua portuguesa. Alfabetização e ensino/aprendizagem. Contribuições das neurociências para a alfabetização.

Tabela 2: Currículo de Pedagogia – UFSC, implantado em 2009<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Currículo disponível em:

<<http://www.cagr.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=308&curriculo=20091>>. Alguns programas de disciplinas podem ser acessados em: <<http://notes.ufsc.br/aplic/progdisc.nsf>>.

### Curso de Letras UNESC

Disciplina	Ementa
Prática de Linguagem (36 h/a)	Gêneros do discurso acadêmicos – teoria e prática: leitura, escrita, fala e escuta. Produção textual (fichamento). Reflexões sobre a prática pedagógica.
Linguística Aplicada ao Ensino do Português (72h/a)	Histórico da disciplina de Língua Portuguesa no currículo escolar. Pressupostos teóricos do ensino operacional e reflexivo da linguagem: a linguagem como interação, o texto como enunciado, e os níveis de letramento. Produção escrita (plano de aula). Reflexões sobre a prática pedagógica.
Optativa: Escrita Criativa (72h/a)	A criatividade artística: seu conceito. As especificidades da criação literária. O literário e o não-literário. O processo da escrita. Exercícios de criação de ideias e planejamento de texto. Experimentação com diversos gêneros literários de ficção e não-ficção. Lendo e escrevendo contos. O diário, a autobiografia, memórias. Introdução ao romance. Escrevendo para crianças e adolescentes. O poema.

Tabela 3: Currículo de Letras (Português/Espanhol e Português/Inglês) – UNESC, implantado em 2009<sup>7</sup>.

### Curso de Letras UFSC

Disciplina	Ementa
Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna (90 h/a)	Fundamentação epistemológica. Histórico da disciplina de Língua Portuguesa no currículo escolar. Pressupostos teóricos do ensino operacional e reflexivo da linguagem: a linguagem como interação, o texto como enunciado, os gêneros do discurso; teorias de leitura, produção textual e letramento. Prática de análise: estudo de elaborações didáticas de leitura, produção textual e análise linguística.
Produção Textual Acadêmica I (60 h/a)	Estudo e produção de textos técnico-científicos relevantes para o desempenho das atividades acadêmicas, tais como: resumo, resenha, artigo e seminário. Prática pedagógica.
Optativa: Processos e Métodos de Alfabetização (72 h/a)	Alfabetização e letramento. A emergência da escrita espontânea na criança. Processos e métodos de alfabetização. Suportes teóricos subjacentes às propostas metodológicas historicamente instituídas. O papel da Fonética e da Fonologia para a alfabetização. Princípios do sistema de notação alfabético. Contribuições das neurociências para a emergência e o desenvolvimento da leitura.

Tabela 4: Currículo de Letras (Português, vespertino)<sup>8</sup> – UFSC, implantado em 2007.

<sup>7</sup> Matrizes curriculares n. 16 (Port./Ing.) e n. 5 (Port./Esp.) disponíveis em <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/55/2931/>>. Assim como ocorre com o Curso de Pedagogia, também não estão disponíveis online ementas e programas, sendo necessário recorrer ao departamento de ensino para acessá-los.

<sup>8</sup> Currículo disponível em: <<http://www.cagr.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=428&curriculo=20071>>.

Ainda que a análise curricular deva envolver a observação de aspectos para além da oferta de disciplinas em particular, é irrefutável o quanto a seleção de determinadas disciplinas (elaboração de currículo implica escolhas políticas e pedagógicas, talvez as primeiras exerçam mais poder que as segundas, infelizmente) revela acerca do profissional que efetivamente se pode formar, a despeito do que indicam o perfil do egresso e os objetivos do curso.

Pode-se notar, nas disciplinas que aqui decidimos apresentar por serem as mais indicativas de trabalho com e a respeito da leitura, que não há, em nenhum dos currículos analisados, disciplina que tenha por foco a formação de profissionais para o exercício da função de formadores de leitores.

Aos profissionais de Pedagogia, cuja habilitação é a única, em nível superior, que autoriza o trabalho em classes de alfabetização, é oferecida apenas uma disciplina específica ao sistema de notação, pelo menos no que diz respeito à ementa, o que não significa que a prática pedagógica — a respeito da qual não temos dados de pesquisa — efetivamente explore aquilo que determina o programa.

No currículo do curso de Pedagogia da UNESC, implantado em 2009, há uma disciplina intitulada “Processos Pedagógicos da Alfabetização e do Letramento”, com carga horária de 72 horas/aula, cuja ementa revela que sequer são consideradas as características do objeto de estudo, ou seja, o sistema de escrita. Não se faz menção aos princípios norteadores da constituição da escrita a partir de e na sua relação com a oralidade. Não é de se espantar quando estudantes em fase final do curso de Pedagogia reclamam do desconhecimento para alfabetizar. Como poderia ser diferente se o objeto de ensino e aprendizagem não foi explorado, se a mecânica do sistema alfabético de notação é desconhecida? As demais disciplinas obrigatórias ofertadas no currículo relativas à linguagem verbal se voltam a aspectos linguísticos e literários fundamentais à formação deste profissional; todavia, a instrumentação permanece deficitária. Nem mesmo a disciplina optativa “Linguística Aplicada à Alfabetização” parece, com base na ementa, voltar-se àquilo que é mais básico e fundamental ao próprio sistema de escrita e ao seu processamento. Há ainda a oferta de uma disciplina de núcleo comum, intitulada “Produção e Interpretação de Textos”, que, supostamente, estaria voltada à formação dos acadêmicos como leitores e escritores, eles mesmos, independentemente da formação profissional. Entretanto, também nesta disciplina parece não haver

explicitação do que sejam e do impliquem ler e escrever. Trata-se de disciplina de caráter instrumental.

O currículo do curso de Pedagogia da UFSC, também implantado em 2009 e já em fase de revisão para construção de nova matriz, a seu turno, apresenta quadro semelhante, com a oferta de quatro disciplinas obrigatórias voltadas à linguagem verbal. Contudo, como se pode notar, há uma única disciplina de alfabetização, com carga horária de 54 horas/aula. Ainda que o sistema de notação esteja explicitamente contemplado na ementa, ele constitui apenas um dos muitos conteúdos listados. Este currículo oferece uma disciplina optativa, “Sistema Alfabético da Língua Portuguesa e Alfabetização”, que foi ofertada uma única vez por interesse individual de docente do curso, sem que tenha havido reedição, embora as discussões para a nova matriz curricular, já em andamento, indiquem a necessidade de centralização das atividades pedagógicas sobre a alfabetização. O grande problema parece ser o seguinte. A preocupação está evidenciada, mas, no jogo de forças da construção de um currículo, parece que questões políticas acabam se sobressaindo.

Gostaria de lembrar aqui a participação do Professor Sírio Possenti, em agosto de 2007, no “2º Ciclo de Palestras do Curso de Letras” da UNESC, em cuja fala sobre o ensino de português no Brasil, enfatizou a necessidade de os profissionais que lidam com o ensino e a aprendizagem da escrita (envolvidos os processos de recepção e produção) terem formação em aquisição da linguagem, fonética e fonologia, sociolinguística e psicolinguística. Tal formação não é propiciada pelos currículos em análise.

Os cursos de Letras tanto da UNESC quanto da UFSC, por sua vez, parecem propiciar, com base naquilo que indicam as ementas (currículos implantados em 2009 e 2007, respectivamente), formação especializada no que concerne à linguagem verbal oral, em seus múltiplos usos e funções a partir de perspectiva epilinguística, metalinguística e literária. Entretanto, como a inserção do licenciado em Letras na educação básica acontece apenas a partir da segunda metade do ensino fundamental — 3º ciclo, ou 6º ano —, não há disciplinas que se ocupem da discussão acerca da alfabetização. É importante evidenciar que há consenso na literatura a respeito da centralidade da fase de alfabetização na relação futura do indivíduo com o universo da escrita. Falhas nesta fase não trabalhadas posteriormente — mesmo que em caráter remediativo — implicam processos insuficientes e insatisfatórios de leitura e, conseqüentemente, escrita. Há,



apenas no curso de Letras da UFSC, uma disciplina de caráter optativo, ofertada somente uma vez desde a implantação do currículo, que se volta aos processos iniciais de imersão significativa e produtiva no universo da escrita alfabética: “Processos e Métodos de Alfabetização”. Ainda que a disciplina possa iluminar a discussão da imersão na escrita (compreenda-se: leitura e escritura), sua inserção está isolada no currículo, o que significa que seus efeitos não podem ser sentidos na formação geral do acadêmico do curso.

Por que seria fundamental incorporar aos currículos de Letras disciplinas dedicadas aos processos iniciais de leitura e escrita? Basicamente, para não nos estendermos em questão tão complexa, porque os estudantes com os quais nos deparamos na educação — o mesmo valeria para o ensino superior, em muitos casos! — não têm o nível de competência em leitura — o que invariavelmente afeta a escritura — esperado para o grau de escolarização em que se encontram. Dito de outra forma, os docentes enfrentamos, em sala de aula, situações com as quais não temos embasamento para lidar, a exemplo dos (in)contáveis casos de alfabetismo rudimentar que se evidenciam em atividades (que ultrapassam os espaços e tempos) escolares.

### 3. O que significa ler e como se processa a leitura

Por fim, em uma tentativa de garantir legibilidade a este texto – o que em uma conferência presencial oral se garante pelas inúmeras idas e vindas discursivas e pela interação face a face –, é importante que se delinieie o que significa leitura no enquadramento aqui assumido e como ela se processa.

Seguindo perspectiva psicolinguística, a leitura é compreendida com um complexo processo de recepção ativa de texto escrito, de natureza fundamentalmente verbal, em que estão envolvidos fatores que decorrem do texto (elemento que incita e propicia a leitura), do leitor (sujeito ativo e responsável pela produção de sentido a partir do texto) e da situação de leitura (entorno de cada evento de contato com textos escritos visando à obtenção de informação e/ou aprendizagem e produção de sentidos). De modo amplo, considerando texto, leitor e situação, a leitura e a produção de sentidos que decorre desta atividade são dependentes:

- dos traços textuais relativos a gênero, circulação, público-alvo, função, etc.,
- do conhecimento prévio de que o leitor dispõe que seja compartilhado e

compatível com expressão textual lida, de suas emoções, motivações e competências linguísticas gerais e específicas à tarefa;

- e ainda das condições de recepção do material lido.

Aprender envolve fazer associações entre os conhecimentos previamente elaborados e o objeto de aprendizagem em contextos significativos que promovam o estabelecimento de relações produtivas e que incitem os indivíduos a se envolverem ativa, efetiva e afetivamente com a aprendizagem.

No que tange à aprendizagem da leitura, ressaltamos que textos diversos, em situações diversas, com objetivos diversos e com leitores diferentes implicam leituras distintas. Estes são aspectos sobre os quais os docentes poderíamos nos debruçar, em lugar de ficar discutindo, em primeira ordem, questões conteudistas de ensino.

No que diz respeito ao ensino, McGuinness (2006) salienta o risco de se estar declinando atualmente para um aprendizado de leitura possivelmente aleatório, fato que pode interferir em práticas pedagógicas sistematizadas ou até mesmo obstruí-las. Daí a recomendação de que, nas aulas de leitura, enfatizem-se tanto as estratégias cognitivas como as metacognitivas, oferecendo aos estudantes textos variados, interessantes, que tenham relação com o seu conhecimento prévio, trazendo sempre dados novos para que possa haver ampliação e reorganização do conhecimento.

Na grande maioria dos casos, em função de a leitura se situar em um domínio de invenção humana, não existe um modelo de leitura universal, independente de uma determinada língua e do modo peculiar como esta língua foi escrita. Logo, o sistema linguístico escrito específico e suas regras de articulação, organização e uso em contextos significativos precisam ser sistematicamente ensinados e aprendidos (McGUINNESS, 1999; 2006). Aí reside, conforme salienta o próprio Ministério da Educação, uma de nossas principais missões quando do exercício da docência.

## Referências

BACK, E. *Como ensinar português: domínio de língua*. Criciúma: UNESC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. *Pisa 2000: relatório nacional*. Brasília, 2001.

DEHAENE, S. *Os neurônios da Leitura*. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Artmed, 2012.

INAF BRASIL – Relatório INAF 2009 – Indicador de Alfabetismo Funcional: principais resultados, 2009. Disponível em: <[http://www.ipm.org.br/download/inaf\\_brasil\\_2009\\_relatorio\\_divulgacao\\_revisto\\_dez-10\\_a4.pdf](http://www.ipm.org.br/download/inaf_brasil_2009_relatorio_divulgacao_revisto_dez-10_a4.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2011.

McGUINNESS, D. *Why our children can't read and what we can do about it: a scientific revolution in reading*. New York: Touchstone, 1999.

\_\_\_\_\_. *O ensino da leitura: o que a ciência nos diz sobre como ensinar a ler*. Tradução de Luzia Araújo. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MORAIS, J. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 1996.

POSSENTI, S. O ensino de língua portuguesa no Brasil. *2º Ciclo de Palestras do Curso de Letras*, mesa redonda, UNESC, 28 ago.2007.

RODRIGUES, C.; SOUZA, A. C. Por um ensino efetivo e estratégico da linguagem. *Pátio: Revista Pedagógica*, ano XII, fev./abr. 2008, p. 22-25.

SCLIAR-CABRAL, L.; SOUZA, A. C. Língua portuguesa e ensino: alfabetização para o letramento e desenvolvimento da leitura. In: SOUZA, A. C.; OTTO, C.; FARIAS, A. C. *A escola contemporânea: uma necessária reinvenção*. Florianópolis: NUP/CED, 2011.

SOUZA, A. C.; RODRIGUES, C. Aspectos do desenvolvimento e do processamento cognitivo da leitura: uma perspectiva psicolinguística. *ReVEL*, v. 6, n. 11, ago. 2008. Disponível em: <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE. *Matriz curricular do curso de Pedagogia*. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/58/2963/>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. *Matrizes curriculares dos cursos de Letras*. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/55/2931/>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Matriz curricular do curso de Pedagogia*. Disponível em: <<http://www.cagr.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=308&curriculo=20091>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. *Matriz curricular do curso de Letras Português*. Disponível em: <<http://www.cagr.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=428&curriculo=20071>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. *Programas de disciplinas*. Disponível em: <<http://notes.ufsc.br/aplic/>>

[prodisc.nsf.gov](http://prodisc.nsf.gov). Acesso em: 30 mar. 2011.